



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

CONTRIBUIÇÕES DA ANTROPOLOGIA DA EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE

SAMUEL SOARES SILVA¹

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA / UESB

RODRIGO SANTOS FERREIRA²

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA / UESB

Resumo

O presente trabalho objetiva ampliar a noção de Educação a partir da interdisciplinaridade com a Antropologia como recurso necessário para a prática docente e discente, entendendo que essa relação corrobora para a expansão da relação multicultural no ambiente escolar. Tal perspectiva busca evidenciar que a integração entre esses campos do conhecimento contribui para uma compreensão mais ampla e crítica da realidade educacional, reconhecendo a diversidade cultural como elemento central do processo de ensino-aprendizagem. Para seu desenvolvimento, utilizamos a revisão bibliográfica, bem como obras e livros de referência, a fim de oferecer suporte teórico e conceitual à análise proposta. Com isso, apresentamos a Antropologia da Educação no intuito de discorrer sobre as possibilidades de práticas pedagógicas inclusivas, capazes de dialogar com diferentes contextos culturais e sociais. Consideramos, ainda, a necessidade de levar em conta as desigualdades estruturadas historicamente nas instituições escolares, as quais se manifestam de diversas formas, desde o acesso desigual à educação até as barreiras simbólicas que afetam a permanência e o desempenho dos estudantes. Ao reconhecer essas questões, ressaltamos a importância de práticas pedagógicas que valorizem saberes diversos e promovam a equidade. Dessa forma, o trabalho defende que a articulação entre Educação e Antropologia oferece caminhos para fortalecer uma escola mais democrática, plural e comprometida com a transformação social.

Palavras-chave: Antropologia da Educação. Educação. Multicultural.

Introdução

A Antropologia da Educação constitui um campo de estudo fundamental para compreender os processos educativos a partir de uma perspectiva plural, destacando como o ensino, práticas e significados são construídos e transmitidos em diferentes contextos sociais. Este trabalho tem como objetivo trazer algumas reflexões sobre as principais contribuições da Antropologia para o campo educacional, evidenciando sua importância na análise crítica das práticas pedagógicas e das dinâmicas socioculturais presentes nas instituições de ensino. A escolha do tema se fundamenta na necessidade de ampliar o olhar sobre a educação para além dos modelos tradicionais e truncados, valorizando saberes plurais e experiências diversas,

¹Graduando em Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Vitória da Conquista-BA, samuelse211@gmail.com

²Graduando em Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Vitória da Conquista-BA, rsrodrigo130@gmail.com



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

especialmente em contextos marcados por desigualdades. A metodologia adotada é qualitativa, com base na revisão bibliográfica, com foco em autores e autoras que dialogam com a Antropologia da Educação no contexto brasileiro, como a antropóloga Neusa Maria Mendes de Gusmão (2016) e a antropóloga Marilise Luiza Martins dos Reis (2011).

Por meio dessa abordagem, busca-se fomentar uma reflexão crítica sobre os desafios e possibilidades de uma educação mais inclusiva e culturalmente sensível através da Antropologia da Educação.

Desenvolvimento, resultado e discussões

Ao tratar da Antropologia da Educação, lidamos com dois campos amplos e complexos, por isso, este trabalho inicia-se com uma breve contextualização dos conceitos de Antropologia e Educação, com intuito de estabelecer as bases teóricas sobre as quais se desenvolvem as reflexões propostas.

A Antropologia se caracteriza pelo estudo do homem em diferentes dimensões, como a biológica, arqueológica, linguística e cultural. Pela natureza do objeto e do objetivo do trabalho, privilegamos o âmbito da cultura em detrimento às demais. Assim, a Antropologia Cultural tem como alvo as manifestações culturais, como elas se propagam e se relacionam entre os indivíduos de determinada cultura, tendo como abordagem principal, o método etnográfico, que pode ser entendido como “a análise de grupos humanos tomados em sua especificidade” (Strauss, 2017, p. 14). O estudo do homem e da cultura passou por um longo processo até culminar na relativização das culturas, sendo assim, é possível afirmar que diferentes disciplinas antropológicas vão discorrer de diferentes modos acerca dos seus objetivos, objetos e sujeitos analisados. A etnografia, a descrição das diferentes sociedades, seria o momento inicial do estudo científico das sociedades, o qual seriam registrados os ínfimos detalhes que constituem a microsociologia para posteriormente, perpassando os modelos de análise etnologia, efetivar o estudo o da antropologia, que seria a definição de modelos que sejam capazes definir fatos observáveis em toda pluralidade das culturas (Laplantine, 2011).

A Antropologia surge no século XV, a partir da descoberta do novo mundo, com o contato entre diferentes culturas que sequer imaginavam a existência desse abismo de



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

diferenças, no intuito de descrever os nativos da América, mapeando o funcionamento daqueles povos em tempos remotos. A primeira inquietação da antropologia resume-se em discorrer sobre um possível passado da humanidade a partir de poucas noções. A falta de conhecimento da pluralidade cultural do mundo e o método comparativo, principal instrumento de abordagem dessa escola, determinavam as expressões das culturas como fatores igualmente observados nas diferentes sociedades. Com isto, a abordagem positivista na antropologia tinha o intuito de formular leis gerais da evolução social. Vale dizermos que, em conformidade com âmbito teórico, os pressupostos e ideias da antropologia evolucionista foram legitimadores de barbaridades. Assim, é possível concordar que tanto a ciência, método dos estudos naturais, como a antropologia evolucionista, pautada no método positivista de Herbert Spencer, nos estudos da sociedades fornecem poucas ou contribuições devastadoras (Castro, 2005).

Posteriormente, a antropologia tendeu à abordagem que se interessava pela prática e pelas especificidades das manifestações culturais, o Particularismo Histórico, abordagem essa que reverbera em análises mais contemporâneas. A nova perspectiva do método etnográfico, de se relacionar com o objeto de estudo de uma cultura diferente, torna a antropologia questionadora de paradigmas e faz disso um elemento único desta disciplina. Esse novo caráter da antropologia e de seu método, possibilita não só catalogar novas formas de pensar e existir no mundo, mas também de evidenciar e introjetar em outros contextos, variadas formas de produzir conhecimento. Dessa maneira, tem-se especial atenção para a pluralidade sociocultural e dos diferentes problemas que advém do contato entre diferentes culturas, que constituem perspectiva essencial na compreensão do processo ensino-aprendizado e no combate contra desigualdades étnico-raciais

A educação, de forma ampla, pode ser compreendida como um processo contínuo de transmissão, construção e transformação de saberes, valores e práticas, que ocorre tanto em contextos formais quanto informais. A educação desempenha um papel central na formação dos sujeitos e na reprodução das estruturas sociais. No entanto, as concepções sobre o que é educar e qual deve ser o papel da educação variam conforme os contextos históricos, culturais e políticos.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

Neste trabalho, a compreensão de educação opera de maneira mais efetiva para o processo ensino-aprendizado, se ancora especialmente nas contribuições de Paulo Freire, que a educação concebe como uma prática libertadora, dialógica e comprometida com a transformação da realidade. Para Freire, educar não é apenas transmitir conteúdos, mas favorecer a tomada de consciência crítica dos sujeitos sobre o mundo que habitam, promovendo sua autonomia e participação ativa na sociedade. Essa visão pressupõe que a educação deve partir da realidade concreta dos sujeitos, valorizando suas culturas, histórias e modos de existir, o que a torna profundamente conectada com os princípios da Antropologia e o método etnográfico.

Como afirma Freire,

É impossível compreender o ensino sem o aprendizado e ambos sem o conhecimento. No processo de ensinar há o ato de saber por parte do professor. O professor tem que conhecer o conteúdo daquilo que ensina. Então para que ele ou ela possa ensinar, ele ou ela tem primeiro que saber e, simultaneamente com o processo de ensinar, continuar a saber por que o aluno, ao ser convidado a aprender aquilo que o professor ensina, realmente aprende quando é capaz de saber o conteúdo daquilo que lhe foi ensinado. (2003, p. 79)

Vale ressaltarmos que a educação é um antigo alvo de preocupações por parte da Antropologia. Logo depois da antropologia evolucionista ser superada pelas abordagens de Franz Boas e Bronislaw Malinowski, emergiu a importância de se analisar isolada e profundamente as expressões culturais de cada sociedade, compreendendo que cada uma possui uma forma de expressar, o que torna inviável falar de cultura no singular, e que só pode ser compreendida a partir da observação pormenorizada e da convivência com os aldeões. A educação, antes não muito abordada na antropologia, passa a ser observada com seriedade. Obras como “*Os Métodos da Etnologia*” de Boas, “*Sexo e temperamento*” de Margareth Mead ou “*Padrões de Cultura*” de Ruth Benedict, expressam a possibilidade de expandir o leque de observações e estudos da antropologia, cooptando para si a questão da educação junto a cultura, para discorrer como se dá as diferenças de comportamentos entre os indivíduos (Castro, 2015).

Para termos exatidão da relação entre educação e antropologia que foi afirmado no parágrafo anterior, Mead na introdução de “*A adolescência em Samoa*” afirma que a preocupação sobre a educação dadas às culturas surge a partir da noção da pluralidade étnica



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

que constitui os Estados Unidos e torna questionável para os diversas áreas de estudo humano do país a respeito do porquê do comportamento ser tão variável. Na introdução da obra supracitada da antropóloga, é dito que “As condições americanas desafiaram o psicólogo, o educador, o filósofo social, a oferecer explicações aceitáveis para os problemas da criança em desenvolvimento”(Castro, 2015, p.18). Com isso, tal como fora questionada a realidade social para o levantamento do problema pela escola de antropologia culturalista, suscitamos novamente a necessidade da abordagem conjunta da antropologia e educação para dar conta da pluralidade étnica do Brasil e dos problemas históricos advindos da falta de alteridade.

A tradição relativizadora iniciada com Boas aborda a cultura no plural ganha novos horizontes. Desta maneira, no interesse de abranger essa discussão sobre a relação entre a cultura e educação, a antropóloga Neusa Maria Mendes de Gusmão propõe a antropologia da educação como abordagem que possibilite discorrer além dessas duas matérias seccionadas. A antropologia da educação objetiva transcender os limites da educação formal justamente pelo compromisso com a diversidade cultural. Enquanto a Antropologia apenas se firma no estudo das multiculturas, a Antropologia da Educação promove a reflexão e expansão das práticas pedagógicas e se especializa em temáticas, como o ensino-aprendizado, levando em conta as variedades presentes no processo educacional, voltando-se para os fenômenos da educação como reflexo de um determinado contexto sociocultural.

O processo da educação, de certa maneira, se faz a partir da percepção do outro, algo que a antropologia propõe, desse modo, os aparatos da antropologia contribuem para viabilizar a interação entre o sujeito (aluno) e o ensino, ao compreender os atravessamentos sociais, amplos e específicos, envolvidos nesse processo. Como componente metodológico em sala de aula, a antropologia evidencia a existência de outros modos de acessar e perceber, de produzir e recolher outros meios de conhecimento. A interação produz conhecimento e auxilia na manutenção da cultura, aportes esses, essenciais no ensino-aprendizagem.

O atual diálogo e compromisso da interdisciplinaridade na educação busca não só a compreensão do homem e do social, mas também dar conta de problemáticas modernas como as desigualdades sócio-históricas que afligem as relações sociais do Brasil.

Povos originários e indivíduos importados do continente africano foram subjugados para serem incorporados ao sistema econômico europeu. As relações de poder que foram



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

firmadas fortificaram a partir de sua narrativa de inferiorização de culturas alheias. E, o consequente processo de inserir os indivíduos subjugados foi legitimado pela oferta do perdão divino às almas que se submetem. Como resultado dessa configuração histórica do poder, de domínio do corpo e da cultura, a percepção da desigualdade racial, social e cultural como problemas históricos a serem combatidos se incorporam nos planejamentos antropológicos, pedagógicos e de políticas afirmativas.

O conúbio declarado entre a educação e antropologia objetiva ampliar as reflexões, críticas, intervenções e debates a respeito da educação relacionada à diversidade cultural. Entre as contribuições que primeiro podemos salientar está a importância do método etnográfico para o combate da educação etnocêntrica, por meio da introdução da pedagogia multicultural, que leve em consideração as particularidades dos indivíduos, possibilitando assim, por em prática estratégias de ensino que sejam mais efetivas. Assim, de acordo com a antropóloga Marilise Luiza Martins dos Reis:

[...]a etnografia aplicada à educação constitui uma adaptação daquele modelo, visando à efetivação de um estudo que permita ao pesquisador realizar a observação participante, as entrevistas intensivas e a análise de documentos com um tempo reduzido em campo. (2011, p.97)

No espaço escolar é perceptível que alguns indivíduos não possuem liberdade para expressar seus costumes, e quaisquer dificuldades que se apresentam no processo de aprendizagem, por vezes, são ignoradas ou suplantadas de modo a não superá-las. Estão presos às normas e regras que agem em diversas esferas do individual, do coletivo e em suas identidades culturais, pois é mais normatizado nas instituições escolares tratar a cultura alheia com discriminação e exclusão, do que buscar maneiras de inserir no cotidiano escolar e nas práticas em sala de aula o ensino multicultural. A composição de diferentes culturas deve ser encarada com seriedade nas instituições escolares, no entender de Reis,

[...] a etnografia aplicada à educação apresenta-se como uma metodologia privilegiada para conhecermos melhor quem são os sujeitos, quais as relações, quais os lugares e quem são as pessoas que fazem e ocupam a escola. (2011, p.99)

Abordar essa temática na sociedade brasileira é discorrer sobre a reprodução de estruturas conservadoras, coloniais e etnocêntricas. A desigualdade estabelecida a partir do



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

contato dos povos das américas com os povos europeus contribuiu para 3 séculos de escravidão no Brasil.

Ter como base as noções antropológicas no contexto da educação se faz ainda mais necessário levando em conta o percurso histórico brasileiro. A educação como reflexo das instituições europeias irrompeu nos anos posteriores à colonização e, posteriormente, se reconstrói a partir de 1808 com a chegada da família real. Os indivíduos subjugados pelos portugueses nesse longo período não possuíam controle de suas expressões culturais, muito menos possuíam o direito de transmitir sua cultura aos descendentes.

A educação jesuíta foi estabelecida a partir da década de 1540, e já em 1549, com a chegada do primeiro governador geral, Tomé de Souza, vieram os primeiros jesuítas liderados pelo padre Manoel da Nóbrega, representando os deveres exigidos pela coroa para educação dos nativos americanos. Decorrentemente, nos anos seguintes a coroa expandiu os interesses econômicos e a administração das terras colonizadas passou por uma reformulação a partir das reformas pombalinas. O que por fim, resultou na expulsão dos jesuítas em detrimento da educação prática e científica (Saviani, 2020)

Desde a chegada da família real no início do século XIX, a burocracia estabelecida instituiu a educação como campo privilegiado para portugueses e para uma esfera específica da população, no intuito de conservar a estrutura social. Nessa mesma época, surgiram as Escolas Normais, débeis para o ensinamento de profissionais da educação (Saviani, 2020).

No início do século XX ocorrem mudanças estruturais na sociedade política brasileira e o papel do antropólogo emerge no poder político. Na década de 1930, com a entrada de Getúlio Vargas na presidência, mudanças consideráveis ocorreram na sociedade brasileira, como a criação do Ministério da Educação e, em pouco tempo depois, o lançamento do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, reivindicando a responsabilidade do Estado em frente à educação.

Mudanças efetivadas pela educação nessa época, com noções antropológicas como a de “democracia racial”, narrativa construída sobre a sociedade brasileira em que os indivíduos de diferentes etnias e culturas se diferiam e completavam para formar o todo da nação, demonstraram o interesse pífio por parte do governo em combater os problemas



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

sócio-históricos do país, ao invés disso, optou-se pela adesão de uma falsa ideia de nação igualitária e de uma única identidade nacional.

Somente no final do século XX e no início do século XXI surgem mudanças significativas na educação brasileira, com a implementação de algumas políticas afirmativas, tendo como um dos marcos a III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, na África do Sul. Como propostas e políticas afirmativas, a Secretaria Especial para Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECADI), em junção com o Ministério da Educação (MEC), dialoga com o governo a partir de Pareceres, Ongs, Conferências e outros para ampliação da mesma proposta da Antropologia da Educação. As Leis de Diretrizes e Bases Para Educação desde as Leis 10.639 de 2003 e a nº11.645 de 2004, e as Resoluções nº1 de 17 de junho de 2004 e o nº8 de 20 de novembro de 2012, representam em suma, o que a interdisciplinaridade da antropologia e educação almeja no âmbito da pedagogia, ampliar e modificar as relações entre discente e docente como alternativa a desigualdade estrutural.

Considerações Finais

Assim, é indubitável que, ao discorrer sobre as contribuições da Antropologia na Educação, não apenas se disponibilizam aparatos teóricos e metodológicos que possibilitam uma atuação docente mais ampla, crítica e efetiva na prática do ensino, como também se abre espaço para uma compreensão aprofundada das múltiplas dimensões que compõem a realidade social dos estudantes. Tal abordagem permite analisar, de forma contextualizada, os problemas de desigualdade racial, social e cultural historicamente enraizados na sociedade brasileira, revelando como essas estruturas impactam o acesso, a permanência e o desempenho escolar. Além disso, o olhar antropológico favorece o reconhecimento e a valorização dos diferentes repertórios culturais presentes no espaço escolar, promovendo uma educação mais inclusiva e comprometida com a equidade.

Desta forma, a Antropologia da Educação se apresenta como uma potente ferramenta para fomentar relações multiculturais no ambiente escolar, indo além do simples reconhecimento da diversidade para promover efetivamente a construção de pontes entre



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

diferentes perspectivas culturais. A partir das afirmativas e contribuições das antropólogas brasileiras citadas, torna-se possível desenvolver uma reinterpretação crítica do papel da etnografia em sala de aula, compreendendo-a não apenas como um método de pesquisa, mas também como um recurso pedagógico capaz de revelar, valorizar e dialogar com as experiências de vida e saberes dos estudantes. Essa modalidade da Antropologia, ao ser articulada com o contexto da realidade brasileira, marcada por profundas desigualdades raciais, sociais e regionais, atua em múltiplas esferas: na formação docente, no planejamento curricular e na construção de práticas educativas que reconheçam a pluralidade cultural como um elemento constitutivo e enriquecedor do processo de ensino-aprendizagem.

Referências

CASTRO, Celso. **Evolucionismo Cultural**: Textos de Morgan, Tylor e Frazer. Editora Zahar. 2005. Rio de Janeiro.

CASTRO, Celso. **Cultura e Personalidade**: Margaret Mead, Ruth Benedict, Edward Sapir. Editora Zahar. 2015. Rio de Janeiro.

DERMEVAL, Saviani. **A Pedagogia no Brasil**: História e Teoria. Editora Autores Associados Ltda. 2020. São Paulo.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. Editora brasiliense. 24ª reimpressão. 2011. São Paulo.

REIS, Maria Luiza Martins dos. **Antropologia**: Caderno Pedagógico – 1ª edição. UDESC/CEAD. 2011. Florianópolis

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Petrópolis: Vozes, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Antropologia e educação**: um campo e muitos caminhos. Linhas Críticas, Brasília, v. 22, n. 44, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4463/4074>. Acesso em: 20/07/2025.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Antropologia e educação**: origens de um diálogo. Cadernos CEDES, Campinas, v. 40, n. 111, 2020. Disponível em:



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/yB4YnZDv73qWqYZJpQZmbWb/?lang=pt.>
em:25/07/2025

Acesso